

A POPULAÇÃO RURAL E O ABASTECIMENTO

No boletim anterior focalizamos a relação que existe entre a população rural do Estado e a produção agrícola, mostrando que a produtividade "percapita" variou, nestes últimos 15 anos, em torno de 1.119 quilos, em média. Embora seja uma das unidades da federação mais adiantada sob o ponto de vista da mecanização da lavoura, pode-se dizer que esta, ainda se acha no período infantil de uma prática que, mais cedo ou mais tarde, terá que se generalizar, tendo em vista o abastecimento da população urbana, sempre crescente. Esta que era em 1934 de 2.245.055 habitantes, passou para 4.632.082, em 1950, enquanto que a população rural que era de 4.188.272 apenas aumentou para 4.610.528. Para um aumento de 2.387.027 habitantes, nas zonas urbanas, houve, apenas, um aumento de 422.256 habitantes na zona rural. O crescimento da população urbana do interior, também já constitui problema sob o ponto de vista do abastecimento tão sério, como o da própria Capital do Estado tinha, 1.384.753 habitantes, dos quais 5% estava na Capital. De 1.900 a 1.920 passou a Capital a representar 10 a 12%, respectivamente, constituindo, hoje com os seus 2.041.716 habitantes, 22% da população do Estado.

POPULAÇÃO DA CAPITAL RELATIVAMENTE À DO ESTADO

<u>ANOS</u>	<u>ESTADO</u>	<u>CAPITAL</u>	<u>TAXAS</u>
1890	1.384.753	69.934	5%
1900	2.282.279	239.820	10%
1920	4.592.188	579.033	12%
1934	6.433.327	1.060.120	16%
1950	9.242.610	2.041.716	22%

Enquanto seu aumento de população foi de 122%, e o das cidades do interior 95%, a população rural aumentou, apenas, 10%.

	<u>1934</u>	<u>1950</u>	<u>AUMENTO</u>
POPULAÇÃO URBANA	2.245.055	4.632.082	2.387.027
POPULAÇÃO RURAL	4.188.272	4.610.528	422.256
T O T A L:	6.433.327	9.242.610(x)	2.809.283

Por aí se vê que a prosseguir indefinidamente o crescimento das cidades, haverá, ou um aumento progressivo do custo de subsistência e até mesmo, crise alimentar ou necessidade de se aumentar a produtividade do homem do campo, objetivo, por ora, somente realizável com o auxílio de máquinas e con

bustíveis de origem estrangeira. As estatísticas sobre o desenvolvimento da pecuária não fornecem elementos para se prever até quanto a produção de carne e leite poderia contribuir para contrabalançar a diminuição de áreas cultivadas nas regiões onde houve exodo da população rural. Sob esse ponto de vista podemos dizer que em apenas treis regiões houve aumento de população rural que constituem a extremidade do planalto, ou seja a Alta Araraquarense, Alta Noroeste, Alta Paulista e Alta Sorocabana. Toda a região central teve a sua população rural reduzida de 2.425.610 habitantes para 1.899.167 habitantes. Nestes, há Municípios como Rio Claro, que teve a sua população rural reduzida a 34% da que possuía há 15 anos atrás. Muitos outros Municípios como Araraquara (66%), Ribeirão Preto (65%), Itatiba (63%), Lins (59%), São João da Boa Vista (67%), Amparo (53%), Serra Negra (48%), tiveram suas populações rurais reduzidas. Como não se pode esperar para muito breve uma mecanização capaz de triplicar a produtividade do campo, é interessante fazer-se algumas considerações sobre a preponderancia do trabalho humano como fator de produção. Isso podemos observar, claramente, comparando os dados de produção de arroz, feijão, milho e batata nos anos de 1934/35 e 1947/48 de grupos de Municípios que tiveram as suas populações rurais diminuidas como se vê abaixo:

No grupo formado por Nazareth Paulista, Atibaia, Piracaia e Bragança, houve a seguinte redução:

	1934/35 (x)		1947/48 (x)	
	Ha.	Ton.	Ha.	Ton.
Arroz	2.815	4.109	2.275	2.430
Feijão	16.814	9.998	6.677	4.023
Batata	1.128	20.323	1.301	5.756
Milho	41.971	48.259	14.138	24.732
Totais	62.728	82.686	24.391	36.941

POPULAÇÃO RURAL

91.993 Hbts.

77.948 Hbts.

Em compensação no grupo de Municípios de Morro Agudo, Pontal, Jardinópolis, Miguelópolis, Igarapava, Ituverava e Guarara, onde houve aumento de população houve também de produção.

	1934/35		1947/48	
	Ha.	Ton.	Ha.	Ton.
Arroz	10.776	23.722	19.304	37.950
Feijão	4.754	3.349	6.677	4.023
Milho	13.286	18.229	12.271	14.642
Totais	28.806	45.299	38.252	56.615

POPULAÇÃO RURAL

81.688 Hbts.

102.353 Hbts.

Nos Municípios de Iguape, Registro, Jacupiranga e El Dorado, onde, neste ano, se registraram casos graves de carência alimentar na população, a queda de produção foi acentuada:

	1934/35		1947/48	
	Hs.	Ton.	Hs.	Ton.
Arrôz	22.533	20.920	10.437	15.794
Feijão	5.306	3.832	3.342	2.062
Milho	12.031	19.773	5.918	7.483
TOTA IS	39.870	54.525	19.697	27.339
População rural	60.548 Hbts.		52.267 Hbts.	

No grupo formado por Jacareí, São José dos Campos, Jambeiro, Caçapava, São Bento do Sapucaí e Sta. Branca que se tornaram produtores de leite, a queda da produção foi a seguinte:

	1934/35		1947/48	
	Hs.	Ton.	Hs.	Ton.
Arrôz	15.307	23.207	8.225	10.248
Feijão	9.626	4.760	1.195	1.242
Milho	11.404	14.367	3.526	5.772
Batata	763	7.807	270	1.512
TOTA IS	37.100	50.141	13.216	18.774
População rural	72.497 Hbts.		63.318 Hbts.	

No grupo de Municípios: Cunha, Barreiro, Cruzeiro, Lavrinhas, Piquete, Areias e São Luiz do Paraitinga, cujo decréscimo da população não pode ser considerado muito grande e onde se instalaram muitos criadores vindos de Minas, verificou-se ligeiro aumento da área cultivada devido à contribuição da cultura do milho e da batata do Município de Cunha, que abastece os seus vizinhos e onde o decréscimo da população rural foi mínimo, pois de 20.900 caiu apenas para 19.300:

	1934/35		1947/48	
	Hs.	Ton.	Hs.	Ton.
Arrôz	2.174	2.064	482	1.415
Feijão	13.219	6.177	13.304	5.646
Milho	18.093	22.131	23.581	33.590
Batata	583	732	1.185	2.288
TOTA IS	34.069	31.104	38.552	42.939
População rural	61.583 Hbts.		57.853 Hbts.	

Entretanto, alguns grupos de Municípios em zonas que perderam população rural, apresentam aumento de produção. Isto que parece uma contradição, vem confirmar que a mecaniza-

ção da lavoura aumentando a produtividade do homem do campo e a fertilidade da terra assegurando maior renda, são capazes de suprir o aumento da população urbana. Isto aconteceu no grupo de Municípios do Setor de Ribeirão Preto e Bebedouro situados sobre as boas terras do planalto que oferecem condições favoráveis à cultura mecânica. Nos municípios de Monte Azul, Colina, Cajobi, Jaboticabal, Pirangi, Monte Alto, Bebedouro que tiveram a sua população rural bastante reduzida houve aumento de produção pelas razões acima citadas:

	1934/35		1947/48	
	Ha.	Ton.	Ha.	Ton.
Arrês	11.107	7.450	17.244	14.868
Feijão	6.736	3.223	12.773	6.412
Milho	23.109	25.431	21.210	37.875
TOTAIS	40.952	36.104	51.227	59.155
População rural	152.476 Hbts.		95.985 Hbts.	

É interessante notar que nesta região houve aumento tanto na produção de algodão como de café, de 7.348 ha. de algodão em 1934 passou para 18.466 ha. em 1948. A produção de café duplicou de 18.000 para 37.000 toneladas.

Para mostrar ainda que a produtividade da terra está intimamente ligada ao trabalho humano, podemos dizer que a diminuição da produção algodoeira da antiga zona central está mais ligada à diminuição de sua população do que a outros fatores.

O deslocamento da produção algodoeira verificou-se, justamente para a zona formada pelos Municípios dos setores em que houve aumento de população, isto é, nos setores de Presidente Prudente, Marília, Araçatuba e Rio Preto, que de 29.262 sacas de sementes de algodão semeadas em 1934/35, cultivam hoje 712.000 sacas em progressão crescente como se verifica no quadro abaixo:

SACAS DE SEMENTES DE ALGODÃO PLANTADAS (x)

ANOS	ZONA NOVA	ZONA VELHA	ANOS	ZONA NOVA	ZONA VELHA
1934/35	29.962	141.623	1945/46	311.914	259.224
39/40	225.337	451.691	46/47	417.381	338.444
40/41	258.216	433.130	47/48	330.813	153.500
41/42	282.571	404.485	48/49	445.982	162.425
42/43	339.058	427.380	49/50	677.307	224.341
43/44	374.324	463.065	50/51	712.814	217.159
44/45	428.923	460.514			

Se considerarmos que na cultura parcialmente mecanizada de um alqueire de algodão são necessários 138 dias de trabalho humano, podemos dizer que o cultivo dessa área de algodão dá ocupação a um habitante da zona rural. Nestas condições os 339.846 alqueires atualmente cultivados ocupam igual número de trabalhadores, em cuja dependencia, 1.000.000 de habitantes.

Outro fato que contribuiu para a diminuição da população rural, foi sem dúvida o desaparecimento de 600.000.000 de pés de café na zona velha. Em compensação a zona nova teve um aumento de quase 100.000.000 de pés:

Número de 1.000 cafeteiros:

	Zona Velha	Zona Nova	Total
1934/35	1.207.485	353.005	1.560.490
1950/51	654.033	439.213	1.093.246

Admitindo-se a necessidade de uma enxada para cada 3.000 pés, pode-se concluir que 200.000 braços ficaram desocupados com o citado desaparecimento dos 600.000.000 de pés de café na zona velha, consequência da crise cafeeira de 1929.

O deslocamento da população rural da zona velha para a zona nova, arrastando consigo a produção do algodão, pode ser comprovada pelo aumento crescente do número de culturas feitas por arrendatários, já não se falando de proprietários da zona nova como se segue:

NÚMERO DE PLANTADORES DE ALGODÃO

ANOS	PROPRIETÁRIOS		ARRENDATÁRIOS	
	ZONA VELHA		ZONA NOVA	
38/39	10.048	5.689	30.862	16.502
39/40	19.242	13.937	45.095	33.267
40/41	21.806	16.799	34.476	34.960
41/42	22.314	19.002	38.895	23.288
42/43	24.219	21.429	41.230	30.399
43/44	16.581	19.970	32.991	26.162
44/45	22.102	22.837	29.555	21.657
45/46	18.042	14.449	20.129	11.570
46/47	23.111	20.706	22.124	9.706
47/48	16.143	15.678	14.942	6.680
48/49	21.825	18.434	14.545	7.388
49/50	23.765	24.781	20.576	10.651

Infelizmente as estatísticas não são suficientemente completas para esclarecer a área ocupada pelos arrendatários pois que muitas delas ainda figuram como de proprietários em nome dos quais são adquiridas as sementes.

Se de um lado o afluxo e aumento da população urbana traz a necessidade de habitações e o aumento dos alugueis nas zonas urbanas, o mesmo sucede no que se relaciona as taxas de arrendamento, que vem se tornando mais elevadas na zona nova.

Esses pontos merecem acurado estudo na elaboração de qualquer projeto tendente à fixação da população rural, seja elemento nativo seja do imigrante.

SITUAÇÃO DA LAVOURA NO MÊS DE JUNHO

Algodão: O tempo decorreu favorável ao prosseguimento da colheita, frio e seco, com exceção dos primeiros e últimos dias do mês com leves chuvas de curta duração. Até o dia 30 o volume colhido atingia a 72% da safra prevista anteriormente. Entraram nas máquinas 28.658.600 arrobas em caroço.

Nas zonas Alta Paulista, Alta Sorocabana, Alta Araraquense e Noroeste, formadas pelos setores de Marília, Presidente Prudente, Araçatuba e Rio Preto as entradas de algodão nas máquinas correspondem as informações dos agrônomos regionais de que a colheita acha-se próxima do seu término e que o total previsto para aquelas zonas será alcançado. Essa região que representa 70% da área algodoeira cultivada do Estado deveria produzir 26.287.000 arrobas, já recebeu 20.777.000 arrobas, ou sejam 61% do previsto. É possível que nesta última zona haja muito algodão em trânsito de um Município para outro e certo a trazo nas colheitas. Caso não se verifique esta última hipótese presume-se tenham sido otimistas os cálculos de áreas e rendimentos.

Café: Embora bastante frio não houve prejuízo para os cafeeiros, salvo ligeiros efeitos dos ventos sul e geadas fracas nos Municípios de Ourinhos, Botucatu, Santa Cruz, Franca e Mogi-Mirim. A colheita assume maior intensidade estando praticamente no fim em Tanabi, Votuporanga e José Bonifácio. Está mais atrasada em Tatuí e Itapetininga. Os primeiros cafés beneficiados por 40 quilos em côco, segundo informações de 14 regiões. Entretanto em Ourinhos, Bauru, Botucatu, Agudos e Santa Cruz do Rio Pardo, esses rendimentos são melhores—18 a 20 quilos.